



PESSOA TRABALHADORA: A FORÇA DA TRANSIÇÃO ECOLÓGICA

Especial sobre a preservação ecológica e climática na perspectiva da classe trabalhadora

A crise climática já impõe secas, enchentes e ondas de calor que desafiam a vida, a produção de alimentos e a soberania nacional. Nesse contexto, trabalhadores da pesquisa e do desenvolvimento agropecuário estão na linha de frente, criando soluções que unem produtividade, preservação ambiental e inclusão social. Mas, sem financiamento e valorização profissional, a transição justa corre o risco de ser apenas discurso em relatórios internacionais.



O SINPAF coloca os trabalhadores da pesquisa e do desenvolvimento agropecuário no centro da luta por uma transição justa. Nas plenárias regionais e nacional, aprovou a Carta Compromisso da Classe Trabalhadora e prepara-se para levar sua voz à COP30, em Belém. Na Agrizone, vitrine de soluções sustentáveis, o sindicato defenderá ciência pública, direitos trabalhistas e justiça social como pilares de um futuro sustentável para o Brasil e o mundo. **Pág. 04**

DISTRITOS DE IRRIGAÇÃO

A força que corre nos canais



Nos Distritos de Irrigação, trabalhadores transformam água em vida, alimento e esperança. Sua dedicação mantém viva a engrenagem que move o semi-árido e alimenta milhares de famílias no Brasil. **Pág. 08**

CULTURA POPULAR

O saber que planta o futuro



Nas místicas, sementes crioulas e festas da colheita, a cultura se une à ciência para semear soberania alimentar. É na diversidade de saberes que brota a verdadeira sustentabilidade, feita de memória, resistência e esperança. **Pág. 07**

SAÚDE

Direitos e saúde: pilares da transição justa

Os números não deixam dúvidas: por trás da pesquisa e do desenvolvimento agropecuário, há trabalhadores marcados por assédio, ansiedade e dores invisíveis. A pesquisa do SINPAF com o Diesat escancarou essa realidade, colocando a saúde no centro da luta sindical. Com a Cartilha de Combate ao Assédio, nasce um instrumento de resistência e cuidado. Porque não há sustentabilidade sem dignidade, nem futuro justo se o presente continuar a ferir quem dedica a vida a alimentar e fortalecer o Brasil. **Pág. 06**



ENTREVISTA

O trabalho invisível na sustentabilidade

Edilson Braga, técnico agrícola da Embrapa há 15 anos, mostra como práticas quase invisíveis — manejo sustentável, agroflorestas e bioinsumos — sustentam a pesquisa e a agricultura familiar, apesar da falta de reconhecimento e valorização. **Pág. 03**

Seja filiado, faça a diferença!

JUNTOS, SOMOS

A VOZ DA MUDANÇA!

Campanha de Filiação



JUNTE-SE A NÓS
SINPAF
filiação à CUT



Trincheira de conquistas

Encerramento de uma etapa de lutas e vitórias



Marcus Vinicius Sidoruk Vidal
(Presidente do SINPAF – Gestão 2022-2025)

Chegamos ao fim de mais uma etapa da nossa caminhada coletiva. Ao olhar para trás e ver tudo o que realizamos nesses três anos de gestão, sinto orgulho, mas, acima de tudo, gratidão pela confiança da categoria e pela coragem que tivemos de enfrentar os desafios.

Lutamos contra a precarização do trabalho e transformamos números em ação: a maior Pesquisa Nacional de Saúde da história da nossa base escancarou a realidade do adoecimento laboral e serviu de base para medidas concretas. Uma delas foi o lançamento da Cartilha de Combate ao Assédio, um instrumento de defesa que coloca no papel o que já ecoava nas nossas lutas: não aceitaremos violência, seja moral, sexual ou institucional, contra nenhum trabalhador e nenhuma trabalhadora.

Mas não paramos aí. Ao longo das plenárias regionais e da plenária nacional de 2025, construímos juntos a Carta Compromisso da Classe Trabalhadora para uma Transição Ecológica e Climática Justa, endereçada à COP30, que coloca a ciência, a pesquisa pública e os direitos no centro da luta por um novo modelo de desenvolvimento sustentável. Esse documento é mais do que uma síntese: é o compromisso histórico do SINPAF com a vida, com a soberania e com o futuro do Brasil.

Entrego, agora, a presidência ao companheiro Jean Kleber da Silva, certo de que a chama da luta segue acesa e se fortalecerá ainda mais. O sindicato é maior do que cada um de nós individualmente, porque é a soma de nossas vozes e esperanças. Obrigado a cada filiado e filiada que fez dessa gestão uma trincheira de resistência e de conquistas. Saio com a certeza de que cumprimos nosso papel e de que novos passos e conquistas que virão.

A luta continua e o SINPAF Não Para!

Caminho em frente

Em busca da transição justa, valorização profissional e sustentabilidade

Assumo a presidência do SINPAF com a responsabilidade de honrar a trajetória que construímos e a confiança que me foi dada pela categoria. Não chego sozinho: trago comigo a experiência de ter atuado na Diretoria de Comunicação da última gestão, junto ao companheiro Antônio Marcos Pereira, e de ter participado diretamente das ações que marcaram nossa caminhada até aqui — da Pesquisa Nacional de Saúde à construção da Carta Compromisso da Classe Trabalhadora para uma Transição Ecológica e Climática Justa.

O desafio que temos pela frente é ampliar e aprofundar essa luta. Nosso lema é claro: “Transição Justa e Unificação de Lutas: o trabalho no centro das transformações”. Não aceitaremos que a crise climática seja usada como justificativa para sacrificar trabalhadores ou invisibilizar comunidades. Nossa missão é garantir que sustentabilidade caminhe lado a lado com direitos, empregos de qualidade e justiça social.

É com esse espírito que levaremos a voz da categoria para a arena internacional: em 2025, o SINPAF estará presente na Agrizone – Casa da Agricultura Sustentável Brasileira, que funcionará na Embrapa Amazônia Oriental durante a COP30, em Belém do Pará. Esse será um espaço de diálogo



Jean Kleber de Souza Silva
(Presidente do SINPAF – Gestão 2025-2028)

go e de resistência, onde mostraremos ao mundo que a pesquisa pública brasileira e seus trabalhadores são protagonistas de soluções reais para a crise climática.

Companheiras e companheiros, nossa luta é diária, mas também é de longo prazo. Temos conquistas a defender e novas batalhas a travar: valorização profissional, condições dignas de trabalho, fortalecimento da pesquisa pública e integração com os movimentos sociais que constroem a esperança nos territórios. Sigamos unidos, com coragem e consciência de classe.

Porque o futuro não se espera — se constrói.

E nós, trabalhadores e trabalhadoras da pesquisa e do desenvolvimento agropecuário, somos os construtores desse amanhã.

O trabalho invisível na sustentabilidade

Nos bastidores da pesquisa agropecuária, técnicos e assistentes garantem que pesquisas se tornem realidade e que práticas sustentáveis cheguem às comunidades. Nesta entrevista, Edilson Braga Rodrigues, técnico agrícola da Embrapa Amazônia Oriental, conta como sua trajetória se mistura com a agricultura familiar, os povos tradicionais e o desafio de fazer da sustentabilidade uma rotina prática.



Edilson Braga Rodrigues é Técnico agrícola da Embrapa Amazônia Oriental (Belém-PA), formado pela Escola Agrotécnica Federal de Barbacena (MG) e Tecnólogo em gestão Ambiental pela Universidade do Norte do Paraná

Spalhaphatos: Como começou sua trajetória na Embrapa e de que forma a sustentabilidade entrou na sua rotina?

Edilson: Comecei na Embrapa Amapá a partir de 2009, com foco em agricultura familiar, escolas rurais e povos indígenas, sempre priorizando alimentos saudáveis. Lá, trabalhei com transferência de tecnologia em escolas-famílias, formando multiplicadores para aplicar o conhecimento em suas propriedades. Também atuei com indígenas do Oiapoque, introduzin-

do orgânica e aproveitamento de resíduos sólidos para adubo. Esses trabalhos me direcionaram para a produção sustentável.

Spalhaphatos: Quais atividades cotidianas, quase invisíveis, são fundamentais para a sustentabilidade?

Edilson: Manejo de pragas e ervas, redução de agroquímicos e preservação de polinizadores. No Campo Experimental, observo desde pequenas abelhas até aves que fazem a polinização de frutas amazônicas. Optamos por reduzir ou eliminar agroquímicos, controlando ervas de forma integrada. Além disso, recebemos visitas de universidades e agricultores, o que gera troca de conhecimento e amplia o impacto do trabalho.

Spalhaphatos: Qual a importância do trabalho técnico de bastidores para os resultados da Embrapa?

Edilson: Minha analogia é de que Técnicos e Assistentes são como porta-enxertos: invisíveis, mas indispensáveis. Assim como o porta-enxerto sustenta a planta para que a copa frutifique, o técnico dá base para que a pesquisa floresça. Nosso trabalho é a raiz que garante a resistência e os resultados.

Spalhaphatos: Quais práticas sustentáveis você ajudou a implementar e que resultados trouxeram?

Edilson: Os Sistemas Agroflorestais construídos coletivamente com agricultores. Atuamos em arranjos agroflorestais, sempre em diálogo com agricultores familiares, garantindo produtividade, diversidade e horizontalidade

”
O trabalho dos técnicos e assistentes é a raiz que dá força à pesquisa agropecuária

nas pesquisas. Esse processo gera produção mais limpa e fortalece vínculos com a comunidade.

Spalhaphatos: A falta de reconhecimento afeta os trabalhadores da linha de frente?

Edilson: Sim, desestimula, mas o reconhecimento da escolaridade pode transformar esse cenário. Muitos técnicos se sentem desvalorizados, embora busquem se qualificar cada vez mais. O projeto de Reconhecimento da Elevação de Escolaridade será um passo essencial para valorizar quem está na base da pesquisa.

Spalhaphatos: Qual o próximo passo para a Embrapa em sustentabilidade?

Edilson: Investir nos bioinsumos. Todas as unidades da empresa abraçaram a causa de ampliar o uso de bioinsumos, substituindo os agrotóxicos e fortalecendo a produção de alimentos mais saudáveis. Esse é um caminho sem volta.

Spalhaphatos: Qual mensagem deixa para colegas e para a sociedade?

Edilson: Reconhecimento, união e resiliência. É preciso valorizar a empresa em que trabalhamos e ter consciência de classe. Só com união e menos vaidade o trabalho invisível se tornará visível e reconhecido.

EXPEDIENTE

Diretoria Nacional do SINPAF - Presidente: Jean Kleber de Souza Silva | **Vice-Presidente:** Jasna Maria Luna Marques | **Secretário-Geral:** Antonio Aparecido Guedes de Oliveira e **Suplente:** Jorge Menezes Vidal | **Administrativo e Financeiro:** José Vicente da Silva Magalhães e **Suplente:** Elanderson Soares Lima | **Comunicação:** Antonio Marcos Santos Pereira e **Suplente:** Raul Costa Mascarenhas Santana | **Formação Sindical:** Jorge Severo da Costa e **Suplente:** Sabrina Foloni | **Ciência e Tecnologia:** Michelliny Pinheiro de Matos Bentes e **Suplente:** Marcus Vinicius Sidoruk Vidal | **Assuntos Jurídicos e Previdenciários:** Adilson Ferreira Mota e **Suplente:** Joaquim Cleber Rodrigues Sousa | **Relações Institucionais:** Waltherlenne Englen Freitas de Lima e **Suplente:** Vera Lúcia Alves Lafetá Batista | **Políticas Sociais e de Cidadania:** Franciana Aparecida Volpato e **Suplente:** Regina Célia Nobre Benício | **Saúde do Trabalhador e Meio Ambiente:** Pedro de Souza Melo e **Suplente:** Sérgio Cotel da Silva | **Mulher:** Sara Lucas Araújo e **Suplente:** Silvana Buriol | **Regional Norte:** Michele Fernandes Pereira e **Suplente:** Valterlei José de Moura | **Regional Nordeste:** Paulo José da Silva e **Suplente:** José Afonso Lima de Abreu | **Regional Centro-Oeste:** Débora Bastos de Oliveira e **Suplente:** Ademilson da Silva Oliveira | **Regional Sul:** Felipe Haubert Pilger e **Suplente:** Fabiane Goldschmidt Antes | **Regional Sudeste:** José Carlos Sá Ferreira e **Suplente:** Ricardo Vieira da Silva.

Auditoria Fiscal Nacional - Titulares: Leny Machado Nascimento | Enila Nobre Nascimento Calandrini Fernandes | Edvaldo Amancio de Lira. **Suplentes:** Alexandre Delgado Bonifácio | Edio Luis Klein | Arildo Luciani da Silvas Gomes.

Equipe de Comunicação: Camila Bordinha e Gisliene Hesse

Projeto Gráfico e Edição: Vila Mundo

Edição de Texto e Revisão: Camila Bordinha

Na linha de frente da transição ecológica justa: trabalhadores de pesquisa e desenvolvimento agropecuários

Sem valorização dos trabalhadores e trabalhadoras, o discurso da transição ecológica corre o risco de ficar apenas no papel



A crise climática já não é um alerta distante: secas prolongadas, chuvas intensas, enchentes e ondas de calor desafiam a sobrevivência das pessoas, das cidades e da produção de alimentos. Nesse cenário, a transição justa desponta como conceito essencial. Não se trata apenas de reduzir emissões de carbono, mas de mudar o modelo produtivo sem abandonar trabalhadores, comunidades e territórios.

“O planeta está ameaçado, mas a mudança não pode significar o rebaixamento das condições de vida de quem trabalha. A transição justa garante empregos decentes, direitos trabalhistas, proteção social e participação democrática dos trabalhadores nas decisões sobre políticas ambientais e tecnológicas”, explica José Dari Krein, professor da Unicamp e especialista em Economia Social e do Trabalho.

Instituições como Embrapa, Codevasf, Distritos Irrigados, Emparn, Pesagro e Empaer

”
O desafio é não fazer apenas uma transição biofísica, mas também social, onde trabalhadores e trabalhadoras sejam protagonistas

são pilares desse processo. Seus trabalhadores e trabalhadoras desenvolvem tecnologias que vão da fixação biológica de nitrogênio — que reduz o uso de fertilizantes — à recuperação de áreas degradadas e à criação de variedades adaptadas a secas, pragas e mudanças climáticas.

“A pesquisa pública é insubstituível. Ela garante soberania nacional, produz conhecimen-

to voltado para o bem coletivo e para a preservação dos biomas brasileiros. Diferente da pesquisa privada, que prioriza o lucro, a pesquisa pública também atende agricultores familiares, comunidades tradicionais e os pequenos produtores”, afirma Krein.

Mas, para que isso se concretize, é preciso garantir condições dignas de trabalho: concursos públicos, recomposição de qua-

dros, carreiras valorizadas e formação contínua. “Se não houver investimento público e valorização dos profissionais, os melhores quadros serão absorvidos pelo setor privado, e o país perderá soberania e capacidade de inovar”, completa o professor.

Para Krein, ignorar a dimensão social na transição ecológica traz riscos graves: aprofundamento das desigualdades globais, perda da soberania nacional, transferência de empresas poluidoras para países mais frágeis, precarização do trabalho e silenciamento de comunidades afetadas.

“O desafio é não fazer apenas uma transição biofísica, mas também social, onde trabalhadores e trabalhadoras sejam protagonistas. Sem sua participação, a transição se tornará apenas um discurso vazio, dominado por lobbies de grandes corporações”, alerta.

A transição justa, defende Krein, só ocorrerá com pressão social e mobilização sindical. “A participação demo-

crática não será concedida de cima para baixo, ela será conquistada. É preciso elaborar agendas claras que ganhem corações e mentes da sociedade, antecipar impactos da transição e construir alianças com movimentos ambientalistas, indígenas, de juventude e de mulheres”, aponta.

No cenário internacional, experiências como a da União Europeia — que criou fundos bilionários para apoiar regiões e trabalhadores mais afetados — e do Canadá — que organizou forças-tarefa com forte presença sindical — mostram que é possível transformar o desafio climático em oportunidade de reconstrução econômica com justiça social.

Os trabalhadores e trabalhadoras da pesquisa agropecuária pública e do desenvolvimento regional são, hoje, a linha de frente da luta por um futuro sustentável. Eles desenvolvem soluções para produzir alimentos sem destruir a natureza, garantir segurança alimentar, preservar biomas e manter a soberania nacional. Mas, sem financiamento público e sem valorização profissional, a transição justa corre o risco de ser apenas um discurso bonito em relatórios internacionais.

Como conclui Krein, “a transição justa é a chance histórica de redefinir os rumos da sociedade, enfrentando a crise climática com justiça social. E a pesquisa pública brasileira é estratégica para que essa transição seja real, concreta e inclusiva”.



José Dari Krein, professor da Unicamp e especialista em Economia Social e do Trabalho

Protagonismo do SINPAF na transição justa

Sindicato leva a voz dos trabalhadores da pesquisa e do desenvolvimento agropecuário para o centro dos debates globais sobre sustentabilidade, unindo ciência, direitos e justiça social na construção da transição ecológica



Aprovação da Carta de Compromissos do SINPAF durante a 27ª Plenária Centro-Oeste

O SINPAF tem colocado a categoria no centro do debate sindical brasileiro sobre o tema. Durante as plenárias regionais e nacional de 2025, delegados e delegadas aprovaram a Carta Compromisso da Classe Trabalhadora para uma Transição Justa, reafirmando a responsabilidade histórica da categoria na defesa de um modelo de desenvolvimento sustentável e socialmente justo.

Com a proposta “Transição Justa e Unificação de Lutas: o trabalho no centro das transformações” o sindicato levará o compromisso à arena internacional com a participação que fará na Agrizone, a Casa da Agricultura Sustentável Brasileira, que funcionará na Embrapa Amazônia Oriental, durante a Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2025 (COP30) em Belém do Pará. O espaço, inspirado nas zonas de negociação e diálogo das Conferências do Clima, será uma vitrine de soluções sustentáveis e de integração entre ciência, sociedade civil e saberes tradicionais.

“Estar na Agrizone significa levar a voz dos trabalhadores e trabalhadoras para um dos maiores palcos do planeta. Enquanto o Congresso Nacional insiste em retrocessos como a PEC da Devastação,

nós mostramos caminhos reais para o futuro”, afirma Jean Kleber Silva, o novo presidente do SINPAF (Gestão 2025-2028), que esteve à frente da ação ao longo da última gestão.



Números escancaram adoecimento e violência no ambiente laboral

Levantamento histórico expõe a precarização no trabalho e coloca a saúde da categoria no centro da agenda sindical, com ações como a cartilha de combate ao assédio lançada pelo SINPAF

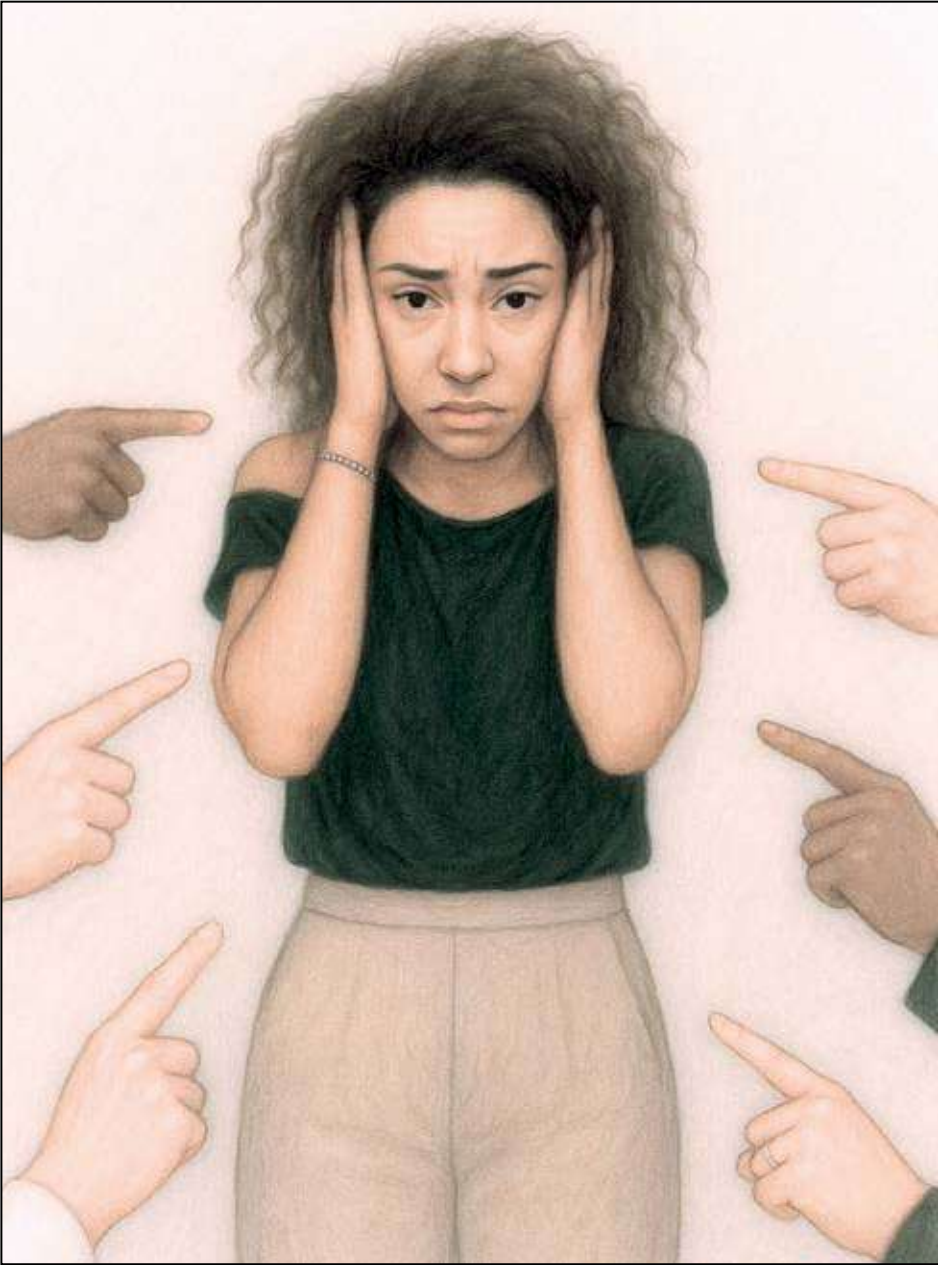
Por: Gisliene Hesse

Cuidar da saúde de quem faz a Embrapa e a Codevasf crescer sempre foi prioridade para o SINPAF. Em 2024, essa preocupação ganhou forma concreta com a realização da maior Pesquisa Nacional de Saúde já feita na base do sindicato. A iniciativa, conduzida em parceria com o Departamento Intersindical Estudos Pesquisas de Saúde e Ambiente Trabalho (Diesat), ouviu 1.235 trabalhadores e trabalhadoras e se tornou um marco histórico para a entidade.

Os resultados, apresentados durante uma live com a categoria neste ano, trouxeram dados que acendem um alerta vermelho. Sintomas de adoecimento mental, relatos de assédio moral e sexual e situações de uso contínuo de álcool, drogas e tabaco apontam para um cenário que exige respostas rápidas e firmes. “A pesquisa mostrou uma realidade dura, que não pode ser ignorada. O sindicato tem a responsabilidade de transformar esses números em proteção para a categoria”, destacou Pedro Melo, Diretor de Saúde e Meio Ambiente do Sinpaf.

Entre os dados revelados, chama atenção o índice de 45% de trabalhadores/as da Embrapa que relataram sintomas de adoecimento mental, enquanto na Codevasf esse número ficou em 5,6%. Já o uso contínuo de álcool, drogas ou tabaco foi relatado por 39,5% dos empregados da Codevasf, contra 3,6% na Embrapa. A pesquisa também apontou alta incidência de assédio moral e sexual, além de disparidades no acesso a serviços de saúde. São números que expõem, com clareza, a precarização e os riscos que ainda fazem parte do cotidiano laboral.

O problema, no entanto, não se limita à base do SINPAF. Dados nacionais revelam que o adoecimento de trabalhadores e trabalhadoras e a violência no ambiente laboral são questões presentes em todo o país.



Quando se trata da saúde mental, os números mostram uma crise preocupante: em 2024, ocorreram quase meio milhão de afastamentos do trabalho, um aumento de 68% em relação ao ano anterior.

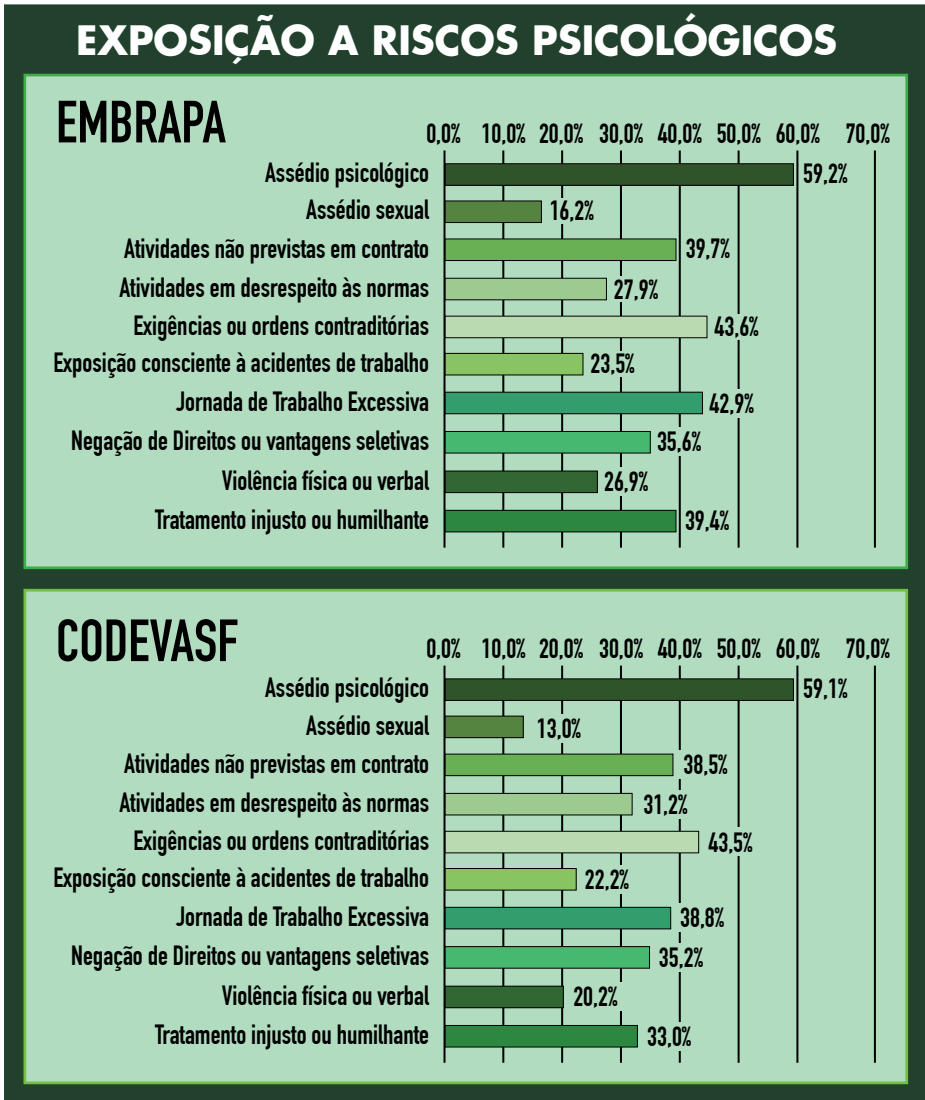
Cartilha contra o assédio marca o primeiro passo

Como primeira medida prática, o SINPAF lançou a Cartilha sobre Assédio e Violência no Trabalho, que já está sendo distribuída em todas as seções sindicais. O material reúne informações essenciais, explica como identificar situações de assédio e orienta sobre os caminhos de denúncia. Mais do que um guia, a cartilha é um instrumento de defesa e de conscientização.

“Os dados nos dão força para cobrar melhores condições de trabalho e políticas de prevenção mais efetivas. O SINPAF não vai se calar diante do sofrimento da categoria”, reforça Sérgio Cobel, Diretor Suplente de Saúde e Meio Ambiente do Sinpaf.

Saúde e Sustentabilidade

A realização da pesquisa e o lançamento da Cartilha sobre Assédio e Violência no Trabalho não são apenas medidas de proteção imediata à categoria: refletem uma visão mais ampla do SINPAF, que entende a saúde do trabalhador como pilar da sustentabilidade. Para o sindicato, garantir ambientes laborais saudáveis significa produzir com dignidade, reduzir desigualdades e prevenir impactos que comprometam tanto as pessoas quanto o ambiente de trabalho. “Não há desenvolvimento econômico nem inovação tecnológica que se sustente se o trabalho adocece e fragiliza vidas. A sustentabilidade não se limita à preservação de recursos naturais: passa, acima de tudo, por valorizar a vida e o bem-estar de cada trabalhador e trabalhadora”, finaliza Sérgio Cobel.



Pesquisa de Perfil Epidemiológico dos Trabalhadores e Trabalhadoras em Pesquisa e Desenvolvimento Agropecuário, 2024

Cultura popular fortalece a luta por soberania alimentar

Integração entre ciência e saberes tradicionais aponta caminhos para a sustentabilidade real no campo e nas comunidades



Centro de Chão construído com alimentos trazidos dos territórios

Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”. A frase, inspirada em Paulo Freire e lembrada pela professora e pesquisadora Gabriela Schenato Bica, vice-regional Sul da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), resume a essência de uma transformação em curso: a integração entre ciência, saber popular e cultura como pilares para a soberania alimentar e a sustentabilidade.

De Norte a Sul do país, experiências agroecológicas mostram que tradições quilombolas, indígenas, camponesas e ribeirinhas dialogam cada vez mais com universidades, empresas públicas e institutos de pesquisa e políticas públicas. No encontro entre roça e laboratório, mística e extensão rural, o resultado tem sido a valorização da diversidade cultural e a produção de alimentos saudáveis, livres de veneno e conectados ao território.

Para Gabriela, cultura não é apenas festa, culinária ou tradição: é ferramenta de resistência e transformação. “Ao cultivar memórias coletivas,

” A cultura fortalece a luta por soberania alimentar e dá sentido à sustentabilidade nos territórios

a cultura fortalece a luta por soberania alimentar. Ela está presente nas místicas dos movimentos sociais, nos pratos típicos que preservam sementes crioulas e até nas festas regionais que celebram a colheita. Tudo isso também é sustentabilidade”, explica.

Essa perspectiva vai além do campo produtivo. Envolve consumo consciente, práticas responsáveis e justiça socioambiental. “A luta pela soberania alimentar se fortalece quando se articula com a cultura em suas múltiplas expressões”, acrescenta.

A agroecologia, segundo Gabriela, é o espaço onde os diferentes conhecimentos se encontram. “Ela parte do respeito: às culturas, aos territórios e às práticas. A hegemonia

científica precisa ser questionada e transformada. Não se trata de hierarquia, mas de diálogo”, defende.

O desafio, ainda, é romper com a lógica cartesiana que coloca a ciência acima dos saberes tradicionais. A inspiração vem de pensadoras como Vandana Shiva, que alertam contra a “monocultura das mentes”. “Precisamos articular os saberes locais e científicos para construir a sociedade que desejamos”, afirma.

Nos últimos anos, universidades brasileiras têm dado passos importantes ao incluir a extensão universitária como parte obrigatória da formação superior. A mudança conecta estudantes às realidades dos territórios e fortalece a troca de experiências com comunidades.

Gabriela destaca também os Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs), apoiados por editais públicos que descentralizam recursos e aproximam comunidades, agricultoras e agricultores familiares, povos tradicionais, agentes de extensão rural e pesquisadores e pesquisadoras. “Esse tipo de fomento é fundamen-

tal porque garante que os recursos cheguem diretamente aos territórios”, aponta.

Ainda assim, ela defende recompor o orçamento do ensino superior e ampliar políticas públicas que envolvam lideranças comunitárias na formulação das ações. “Quem elabora políticas precisa conhecer e respeitar as realidades locais”, reforça.

As trabalhadoras e os trabalhadores da pesquisa agropecuária também têm papel central nessa transição. Para Gabriela, é preciso que editais, concursos e programas institucionais incorporem a agroecologia e o desenvolvimento sustentável como premissas. “A formação desses profissionais precisa estar alinhada com práticas agroecológicas, porque sem isso não há sustentabilidade real, apenas discurso”, afirma.

A vice da ABA-Agroecologia encerra com um recado direto para quem acredita na agroecologia como prática de resistência e futuro: “Devemos seguir lutando e resistindo, ocupando todos os espaços possíveis, da produção à educação e à política. Nossa força está na coletividade, na cooperação e na diversidade. E isso ninguém pode nos tirar.



Gabriela Schenato Bica, vice-regional Sul da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA)

Trabalhadores sustentam força dos Distritos de Irrigação

São eles que operam, mantêm e inovam nos sistemas que transformam a água em alimento, emprego e desenvolvimento em regiões áridas do Brasil



Arildo Luciano e colegas no Distrito de Irrigação Formoso (BA), um dos primeiros projetos do país

Por trás das grandes estruturas que garantem a irrigação agrícola em regiões áridas e semiáridas do Brasil, estão trabalhadores que fazem a diferença todos os dias. Canaleiros, operadores de bombas, motoristas e técnicos formam a linha de frente dos Distritos de Irrigação (DIs), responsáveis por manter em funcionamento um patrimônio coletivo essencial para a segurança alimentar, a agricultura familiar e o desenvolvimento regional.

No Distrito de Irrigação Bebedouro (PE), um dos primeiros projetos do país, os desafios são diários. Estruturas antigas e equipamentos ultrapassados exigem esforço extra da equipe. O canaleiro Cícero Romão do Nascimento Carvalho, com 16 anos de dedicação, explica:

”

Cada decisão aqui impacta milhares de pessoas que dependem do nosso trabalho para produzir no semiárido

Antônio Augusto Rodrigues (Jaíba I)

“Mesmo com canais danificados e equipamentos ultrapassados, conseguimos levar água a todos os produtores, sempre evitando desperdícios.”

A força de trabalho dos DIs também é o que garante a modernização. No Distrito de Irrigação Formoso (BA), referência nacional e internacional em fruticultura, os sistemas de monitoramento e práticas sustentáveis só funcionam porque há equipes treinadas para operar e manter a estrutura.

“O perímetro representa mais de 30% do PIB do município e movimenta quase R\$ 400 milhões por ano, gerando milhares de empregos”, destaca o operador de estação de bombeamento Arildo Luciano.

”

O perímetro representa mais de 30% do PIB do município e movimenta quase R\$ 400 milhões por ano

Arildo Luciano (Formoso)

No Distrito de Irrigação Jaíba I (MG), o maior da América Latina, a dimensão da obra multiplica a responsabilidade dos trabalhadores. Cada decisão impacta diretamente milhares de pessoas que dependem da irrigação para plantar e colher em uma das regiões mais secas do país.

“Cada decisão aqui impacta milhares de pessoas que dependem do nosso trabalho para produzir em plena região semiárida”, afirma o motorista Antônio Augusto Rodrigues, que atua na manutenção mecânica da infraestrutura.

De norte a sul do semiárido, os DIs mostram que tecnologia e infraestrutura só geram frutos quando acompanhadas pelo empenho humano. São os trabalhadores que asseguram que a água chegue a cada lote, que os canais sigam em operação e que os agricultores familiares e empresariais possam produzir com regularidade.



Cícero Romão do Nascimento Carvalho com colegas de trabalho no Distrito de Irrigação Bebedouro (PE), referência nacional em fruticultura



Antônio Augusto Rodrigues no Distrito de Irrigação Jaíba I (MG), o maior da América Latina

”

O DIB causa impacto positivo para todos os produtores, levando água para o cultivo de plantas

Cícero Romão do Nascimento Carvalho (Bebedouro)